

# Questionando o Modelo de Ensino e Pesquisa de Jornalismo

**Gisely Hime**

No momento em que a sociedade brasileira debate a exigência do diploma de Jornalismo, multiplicam-se os cursos de Jornalismo em nível de graduação, mas também no Lato e Stricto Sensu por todo o País. Nesse panorama emergem várias questões, a saber:

- os cursos existentes propõem-se fundamentalmente à preparação técnica para o mercado – com uma orientação, portanto, imediatista – ou se voltam para uma formação profissional consciente e qualificada?
- como se pode avaliar a qualidade dos cursos oferecidos, do ponto de vista da organização curricular, do conteúdo das aulas, da formação dos professores, do preparo técnico do aluno para o mercado, bem como da capacitação teórica necessária ao desenvolvimento de uma reflexão crítica sobre a produção?
- a organização curricular apresenta um conflito entre modelo prático – que privilegia as disciplinas técnicas – e o modelo humanístico – que investe no fortalecimento da formação cultural –, ou se apresenta equilibrada?
- como as instituições acadêmicas se voltam para a pesquisa com o intuito de responder às questões que as mudanças constantes no mercado impõem – ou seja, como se preparam para refletir sobre o mercado e suas tensões?

Daí a importância do resgate do estudo de José Marques de Melo que, por meio da análise do modelo norte-americano nos anos 1970, situa momento decisivo para o encaminhamento de tais questões naquele país. O autor dispensa apresentação: professor emérito da Universidade de São Paulo (USP), diretor da Cátedra Unesco/UMESP de Comunicação e presidente de honra da Intercom, da qual é sócio-fundador, é um dos pilares da pesquisa e ensino em Comunicação na América Latina. Resultado de pesquisa de pós-doutoramento, empreendida entre 1973 e 1974, na Universidade de Wisconsin (EUA), torna-se acessível a estudantes, professores, pesquisadores e profissionais do Jornalismo, por meio de iniciativa da Intercom: *Journalism made in USA – A Brazilian Perspective*.

Qualquer questionamento sobre a atualidade do diagnóstico cai por terra quando nos deparamos com a seguinte propo-

sição: é de fundamental importância complementar o estudo teórico com pesquisas que coloquem a escola como centro de criação de novas tendências profissionais. Ao analisar a implementação dos cursos pós-graduação em Jornalismo estadunidenses, no início do século XX, Marques de Melo pontua:

Se, por um lado, o Jornalismo evoluía celeremente acompanhando a marcha da revolução tecnológica e exigindo novos instrumentos de captação de descrição da realidade, por outro lado, o relacionamento dos docentes de Jornalismo dentro das universidades exigia uma elevação dos níveis de especulação científica, no sentido de concretizar uma das funções básicas da universidade: a de contribuir para o progresso social e a de ajudar a solucionar os problemas cruciais do momento histórico (p. 65).



Desvinculando a citação de seu contexto, não seria ela plenamente aplicável à época em que vivemos e, sobretudo, às diretrizes de formação universitária em Comunicação Social em nosso País? Como ressalta na apresentação do livro, durante o período de estudo, teve a oportunidade de “recarregar as baterias teóricas, revisando a literatura comunicacional sobre modernização, desenvolvimento e difusão de inovações”, o que favoreceu um diálogo salutar com autores referenciais como Lasswell, Lazarsfeld, Lippmann, Gallup, Lerner, Schramm, Nixon, Emery, entre outros. Tal reflexão alimenta a avaliação dos projetos curriculares considerados, da mesma maneira que, pela observação da aplicação de tais projetos em sua rotina,

apresenta-se renovada.

É o que se constata, por exemplo, na apresentação do modelo de currículo Ralph Casey, contemplando as áreas:

- Técnica – compreendendo as técnicas de redação (...) cujo conhecimento e prática continuavam a ser básicos e indispensáveis a qualquer profissional de comunicação moderna;
- Social – envolvendo o conhecimento da estrutura da sociedade contemporânea, de modo a fornecer bases mais sólidas para o trabalho de repórteres e redatores, que não podiam mais limitar-se a noticiar o puramente factual e precisavam oferecer ao leitor informações mais detalhadas dos fatos que estavam ocorrendo;
- Econômica – dando oportunidade de conheci-

mento da infraestrutura do jornal e dos outros veículos de comunicação, que assumiam a cada momento uma organização empresarial mais complexa;

- Histórica – compreendendo a evolução da atividade jornalística não apenas para buscar testemunhos do passado, mas para explicar as sequências históricas com a culminância de fatos do presente; ou então, dando um cabedal informativo que permitisse ao estudante avaliar a evolução de formas e conteúdos peculiares à sua atividade profissional (MARQUES DE MELO, 2012: 70-71).

Aos estudiosos da História da Comunicação, natural é a lembrança do currículo do primeiro curso de Jornalismo no Brasil, por Cásper Líbero, nos anos 1940. Em seu testamento, o jornalista, proprietário de um dos jornais mais modernos da América Latina naquele momento, propõe a valorização de disciplinas fundamentais para uma sólida formação humanística como História, Economia, Política e Língua Portuguesa, ao mesmo tempo em que determina o aprendizado das disciplinas técnicas, supervisionado pelos profissionais atuantes nos veículos do grupo jornalístico, uma vez que exercido nestes espaços.

Importante lembrar que o pioneiro curso brasileiro emerge justamente após longa temporada de Cásper Líbero nos Estados Unidos, a convite daquele e deste governo, para visitar empresas jornalísticas e universidades que abrigavam escolas voltadas a esa formação. Contudo, se nasceu na confluência entre Teoria e Prática, a graduação em Jornalismo no Brasil, desde então, oscila perigosamente entre a valorização de uma em detrimento de outra área.

Talvez essa seja a explicação para o “despreparo cultural dos egressos das escolas de comunicação, que se mostram cada vez mais incapazes de perceber as realidades globais de uma sociedade em transformação com a qual deverão lidar cotidianamente (MARQUES DE MELO, 2012: 125)”, atestado por Marques de Melo em seu estudo, fazendo referência à reflexão do prof. Curtis MacDougall, e que tão adequadamente descreve nossa realidade ainda hoje.

A solução, contudo, é apontada já nos anos 1970 por estudiosos como Casey e Schramm: a formação interdisciplinar. Segundo Casey, “nenhuma área do conhecimento, nos tempos modernos, podia permanecer isolada ou fechada, sob o risco de atrofiar-se (MARQUES DE MELO, 2012: 72)”. It's true, isn't it?

**serviço: JOURNALISM MADE IN USA - A Brazilian Perspective, de José Marques de Melo, São Paulo: INTERCOM, 2012.**